Bruno Pinto de Albuquerque[*]

Resumo

No contexto de um evento que se propõe a tratar dos diálogos e tensões entre filosofia e teologia, a proposta desta comunicação é trazer para este debate um elemento terceiro: a psicanálise. Ao construir este novo campo do saber, Sigmund Freud elaborou um poderoso arcabouço teórico-clínico que o permitiu investigar os fenômenos subjetivos e culturais de uma maneira completamente nova. O conceito de inconsciente tal como ele o formulou repercutiu em inúmeras outras disciplinas, levantando questões novas, inclusive, para o campo da religião. Ao estudar a história das religiões e ouvir durante longos anos os pacientes que se queixavam dos sofrimentos de que padeciam, Freud postulou que o ser humano procura em Deus a figura do pai idealizado que poderia garantir a ele proteção contra o seu desamparo. Considerada por alguns autores como a crítica mais feroz que a religião já sofreu, isto não impediu que um de seus discípulos, Oskar Pfister, cristão e pastor protestante, se tornasse psicanalista e mantivesse durante trinta anos com o criador da psicanálise um frutuoso diálogo epistolar sobre a psicanálise e a fé cristã. Formado nos campos da filosofia e da teologia, o pastor suíço lamentava que o médico austríaco não houvesse tido contato profundo com elas ao longo de sua formação e não se interessasse por esses campos. Neste sentido, o objetivo desta comunicação será apresentar brevemente a crítica freudiana da crença religiosa apresentada por Freud em seu livro *O futuro de uma ilusão*, bem como a resposta a essa crítica que seu amigo e discípulo empreendeu em seguida no texto *A ilusão de um futuro*. Esperamos conseguir, assim, ao menos despertar o interesse dos ouvintes para o valor que pode ter a psicanálise enquanto possível interlocutora no diálogo entre filosofia e teologia.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Oskar Pfister; Psicanálise; Religião; Fé cristã

[*] Mestrando em Psicanálise no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/UERJ). Psicólogo (IP/UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: brunopintodealbuquerque@gmail.com

Bruno Pinto de Albuquerque

Trabalho apresentado no XII Simpósio Internacional Filosófico-Teológico
da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Filosofia e teologia: relações e tensões,
realizado em Belo Horizonte (MG) de 5 a 7 de outubro de 2016

Este trabalho consiste num pequeno recorte da pesquisa sobre psicanálise e religião que venho realizando no curso de Mestrado em Psicanálise na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dentre as inúmeras possibilidades de abordar este tema, escolhi apresentar trechos do curioso diálogo entre a psicanálise e a fé cristã que ocorreu entre Sigmund Freud, o criador da psicanálise, e Oskar Pfister, um pastor protestante que se tornou psicanalista sem abandonar a fé cristã e, mais do que isto, fez da psicanálise seu instrumento de prática pastoral. O texto se concentrará no diálogo sobre o conceito de ilusão, que Freud adotara para abordar a religião em seu livro *O futuro de uma ilusão* (1927[2006]), comentado e criticado por Pfister no artigo *A ilusão de um futuro* (1928[2003]).

Ao inventar a psicanálise como um novo campo teórico-clínico para tratar dos casos que a medicina não conseguia explicar, Freud construiu uma teoria muito consistente sobre o funcionamento psíquico, que o permitiu investigar de maneira muito original os fenômenos subjetivos e culturais. Seus conceitos metapsicológicos, em especial o de inconsciente, repercutiram em diversos outros campos do saber, inclusive no campo religioso, levantando questões inteiramente novas. Ao comparar as queixas de seus analisandos com os dados que obtinha da história da cultura e das religiões, Freud postulou que a crença em Deus se origina do desejo por um pai idealizado que possa garantir ao sujeito a proteção contra o desamparo. Vale destacar que a crítica freudiana da crença religiosa, da qual forneço aqui apenas um fragmento, adquiriu tal consistência que já foi considerada por alguns a mais feroz que a religião já sofreu (ARAÚJO, 2014, p. 33).

As abordagens de Freud do fenômeno religioso, entretanto, não impediram que Pfister se tornasse psicanalista mantendo sua fé em Jesus de Nazaré. A amizade inesperada de Freud com um pastor protestante permanece sendo um fato curioso, ainda mais se considerarmos que os dois se corresponderam ao longo de três décadas. Se, por um lado, Freud permaneceu um ateu convicto até o fim de sua vida, Pfister, por outro, manteve-se um crente fervoroso até o fim. Numa de suas últimas cartas, Freud expressará sua admiração diante do fato de Pfister

não ter abandonado a fé religiosa em consequência de seu contato com a psicanálise: "Que o senhor possa ser um analista tão convicto e ao mesmo tempo um homem espiritual, pertence às contradições que tornam a vida tão interessante" (FREUD & MENG, 2009, p. 184). Pfister, por sua vez, afirmou:

> Não há grande perigo de o senhor candidatar-se ao batismo nem tampouco de eu me jogar do púlpito. Mas existem alguns bem importantes pontos de aproximação, e quando pondero que o senhor é bem melhor e mais profundo que o seu ateísmo, e eu bem pior e mais superficial que minha fé, então o abismo entre nós não poderia escancarar-se de modo tão arrepiante (*ibid*, p. 157).

O pastor suíço, formado nos campos da teologia, da psicologia e da filosofia, lamentava que o médico austríaco não houvesse tido contato profundo com a tradição teológica e filosófica e tampouco se interessasse por ela. Apesar disto, Pfister considerava a teologia e a psicologia "demasiadamente preocupadas com detalhismos que as afastam dos reais problemas da alma" (WONDRACEK, 2005, p. 19). Podemos ler numa das cartas uma queixa sobre os teólogos de sua época: "É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável (...) Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio" (FREUD & MENG, 2009, p. 136). A posição liberal de Pfister fica muito clara quando, nesta mesma carta, ele afirma: "Se tão somente as pessoas forem tornadas boas e felizes, com ou sem religião, o querido Deus aprovará este trabalho com um amável sorriso" (*idem*).

O "percurso peculiar e inquietante na psicanálise" (GOMEZ, 2000, p. 2) realizado por Pfister se encontra intimamente relacionado a esse desconforto em relação à teologia, na medida em que sentia dificuldade para conduzir a cura de almas orientando-se pela sua formação religiosa, tendo se engajado na "causa freudiana" em decorrência daquilo que considerava uma "incapacidade da velha teologia abstrata de responder às angústias do homem moderno" (ROUDINESCO, 2016, p. 372). É curioso que tenha sido na psicanálise que Pfister tenha encontrado elementos que o auxiliassem em sua atuação enquanto pastor, utilizando este método clínico para atender aos fieis que lhe pediam orientação espiritual. Freud certa vez lhe escreveu:

> a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise. É natural e pode permanecer assim que, na terapia, nossos caminhos se separem. Bem à parte, por que nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu? (FREUD & MENG, 2009, p. 84).

O ápice do diálogo entre os dois parece ocorrer em 1927, quando Freud publica *O futuro de uma ilusão*, onde ele trata de sua "posição totalmente contrária à religião". Freud pede a Pfister que tenha compreensão e tolerância com este "herege incurável". Este responde que aguarda o livro com "alegre interesse", pois embora eles sigam por caminhos diferentes na música, na filosofia e na religião, "um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis". Por fim, Pfister sugere: "Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto fico na disposição de alegre aprendiz" (FREUD & MENG, 2009, p. 143).

Em seu livro, Freud realiza uma crítica à religião sob vários ângulos diferentes, mas recortarei aqui aquele que pode ser considerado como propriamente psicanalítico. É digno de nota que, após ter recebido as primeiras reações de Pfister ao livro, Freud lhe tenha escrito:

> Retenhamos como dado que as opiniões do meu texto não são nenhum componente do edifício da teoria analítica. É minha posição pessoal, que coincide com a de muitos não-analistas e pré-analistas, e certamente também não é partilhada por muitos fiéis analistas. Se usei certos argumentos da análise, na verdade usei apenas um, isto não precisa impedir ninguém de utilizar a metodologia imparcial da análise também para o ponto de vista contrário. Também isto já está dito no livrete. Se alguém fosse concluir que isso não é tão fácil de fazer, e que o exercício da psicanálise necessariamente afasta da fé religiosa, seria de retrucar que qualquer ciência não o faz menos (*ibid*, p.152).

Freud parece se referir ao conceito de ilusão. O cerne de seu argumento é que, se investigarmos a "origem psíquica das ideias religiosas", perceberemos que elas "são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade", cujo segredo da força "reside na força desses desejos". É assim que, para ele, "a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor –, a qual foi proporcionada pelo pai". Tornando-se adulto, o sujeito reconhece que não superou seu desamparo, de modo que a ele se tornou "necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso". Assim, para Freud, o psiquismo encontra enorme alívio quando os conflitos de sua infância originados da relação com o pai, e nunca inteiramente superados, encontram uma solução que é universalmente aceita (FREUD, 1927[2006], p. 39). Em seguida, Freud esclarece o uso do termo "ilusão".

> Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro (...) O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. Com respeito a isso, aproximam-se dos delírios psiquiátricos, mas deles diferem também (...) No caso destes, enfatizamos como essencial o fato de eles se acharem em contradição com a realidade. As ilusões não precisam ser

> necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade (...) Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação (FREUD, 1927[2006], pp. 39-40).

Assim, vemos que Freud, ao sustentar que a crença em Deus é uma ilusão, justifica o uso deste conceito indicando que se trata de uma crença carregada de desejo que despreza uma confirmação empírica. O interessante desta definição é que ela indica o que se encontra em jogo na dinâmica psíquica que mobiliza a crença religiosa sem que desta teorização resulte necessariamente qualquer juízo de valor acerca da veracidade ou não das doutrinas religiosas. Ele mesmo explicita que "avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação" (*ibid*, p. 41), posto que "do valor de realidade da maioria delas não podemos ajuizar; assim como não podem ser provadas, também não podem ser refutadas" (*ibid*, p. 40).

O que Freud pretende sustentar é que a crença em Deus tem motivações inconscientes enraizadas nos desejos infantis. Ele escreve: "seria muito bom se existissem um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja" (*ibid*, p. 42). Apesar disto, ele destaca que suas considerações não levam necessariamente à descrença em matéria de religião, reconhecendo que nem todos os analistas concordam com sua posição antirreligiosa e que, além disto, esta não é uma derivação necessária do edifício teórico-clínico da psicanálise:

> a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer (...) Nada do que eu disse aqui sobre o valor de verdade das religiões precisou do apoio da psicanálise; já foi dito por outros muito antes que a análise surgisse. Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* [tanto pior] para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas (*ibid*, p. 45).

Essa opinião já havia sido expressa por Freud muitos anos antes numa carta a Pfister: "A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores" (FREUD & MENG, 2009, p. 25).

Embora reconheça que a psicanálise não implica necessariamente no abandono da religião, Freud conclui seu ensaio retomando sua concepção de que "o trabalho científico

constitui a única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos" (FREUD, 1927[2006], p. 40). Ele termina o livro com estas palavras: "Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar" (*ibid*, p. 63), o que Pfister a considera uma verdadeira "confissão de fé de Freud" (PFISTER, 1928[2003], p. 48).

Contudo, apesar de sua postura claramente antirreligiosa, é interessante que Freud se mantenha aberto a receber uma crítica de Pfister e aceite publicá-la na revista *Imago*, dedicada às interfaces da psicanálise com a cultura:

> Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra a minha brochura; será um refrigério em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado. Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos (FREUD & MENG, 2009, p. 146).

Pfister agradece a postura de Freud e lhe diz: "talvez eu pudesse oferecer um pouco de ajuda a muitos, que agora, após as suas colocações, correm o perigo de rejeitar toda a psicanálise, e assim servir ao movimento psicanalítico" (*ibid*, p. 151). A crítica de Pfister se inicia com uma carta a Freud, na qual o seu otimismo em relação à possibilidade de uma integração entre psicanálise e religião fica evidente:

> O senhor há de sorrir diante do fato de que considero o método psicanalítico criado pelo senhor um meio grandioso para depurar e desenvolver a religião (...) o senhor serve à ciência com veneração e fervor, pelo que seu gabinete é elevado a templo. Dito francamente: tenho a firme suspeita de que o senhor combate a religião – a partir da religião (...) Afinal, quem lutou de modo tão gigantesco pela verdade e brigou tão heroicamente pela redenção do amor, este é, quer queira sê-lo ou não, segundo os parâmetros do evangelho, um fiel servo de Deus. E não está longe do reino de Deus quem, pela criação da psicanálise, elaborou o instrumento pelo qual são serradas as cadeias das almas sofredoras e são abertas as portas do cárcere. Desse modo podem correr à terra ensolarada de uma fé vivificante (...) O senhor guardará rancor de mim pelo fato de que, apesar de sua pretensa descrença, eu o veja figuradamente mais próximo do trono de Deus (...) do que a muito clérigo murmurador de orações e realizador de cerimônias, cujo coração nunca ardeu pelo conhecimento e bem-estar humano? (PFISTER, 1928[2003], pp. 18-19).

Pfister começa seu artigo chamando a atenção para a "maneira diferente da usual" com a qual Freud define o conceito de ilusão, diferente do "uso corriqueiro", que carrega "conotações do engano e da invalidade" (*ibid*, p. 19). Ele pontua que quase um século antes o filósofo Ludwig Feuerbach já houvesse elaborado "a tese de que a teologia seria antropologia disfarçada", sendo Freud aquele que "refinou e reforçou extraordinariamente essas suposições através de seu microscópio da alma" (*ibid*, p. 26).

Pfister concorda com Freud quanto à necessidade de abandonar as ilusões – "Em prol de ilusões a gente não investe a alma" – e diz que pode acompanhar Freud em boa parte de sua argumentação. No entanto, não considera algo "extraordinariamente novo e inesperado" constatar que "as representações de Deus e do além muitas vezes são pintadas com as cores da paleta do desejo" (PFISTER, 1928[2003], p. 27). Assim, ele interroga: "A história das ciências é uma luta incessante com antropomorfismos e outras projeções não autorizadas de fatos conhecidos sobre desconhecidos. Por que a religião e a teologia constituiriam uma exceção?" (*ibid*, p. 31). E acrescenta: "Com a teologia também a religião se submeteu aos sacrifícios mais radicais e mais dolorosos para o desejo" (*ibid*, p. 32). Assim, Pfister afirma que precisa "contrapor à profecia de Freud sobre o futuro de uma ilusão a afirmação, não mais profetizadora, mas fundamentada psicologicamente, da ilusão de um futuro desses" (*ibid*, p. 56), e conclui o ensaio de maneira entusiasmada:

> arrisco-me mais uma vez a afirmar que (...) embora se denominando gentio, Freud, com sua concepção e obra de vida, está à frente de muitos cristãos frequentadores de igrejas. Unem-se, pois, *O futuro de uma ilusão* e *A ilusão de um futuro* numa mesma fé sólida, cujo credo é: *A verdade vos libertará*! (*ibid*, p. 56).

O pessimismo de Freud em relação à religião parece ter encontrado em Pfister um equivalente oposto, excessivamente otimista. Ao receber o manuscrito, Freud responde:

> Era sobremaneira necessário que minha *Ilusão* fosse contestada dentro dos nossos círculos, e é belo que isto tenha acontecido de forma tão digna e amistosa. Pelo efeito de suas colocações sobre mim, o senhor não precisa perguntar-me. Alguns de seus argumentos parecem-me lirismo; outros (...) parecem-me baratos (FREUD & MENG, 2009, p. 158).

Elizabeth Roudinesco, uma importante historiadora da psicanálise, considera as trocas entre Freud e Pfister como um "luminoso diálogo" e considera *A ilusão de um futuro* como um "brilhante ensaio", no qual Pfister, "com razão, afirmava que a verdadeira fé era uma proteção contra a neurose e que a própria posição de Freud era uma ilusão". Freud desconhecia a "significação das experiências místicas" enquanto "modo de conhecimento dos mistérios de Deus e da fé". *O futuro de uma ilusão* era "um livro claudicante e Freud sabia disso" (ROUDINESCO, 2016, p. 373).

De fato, no mesmo ano da publicação do livro, Freud disse numa carta a Max Eitingon que o livro tinha "muito pouco valor" (JONES, 1989, p. 148). Mais do que isso, numa carta

endereçada a Sándor Ferenczi, ele afirma: “Agora ele já me parece infantil; fundamentalmente penso de outra forma; considero-o analiticamente fraco e inadequado enquanto autoconfissão” (FREUD *apud* JONES, 1989, p. 148).

Para concluir, gostaria de citar um trecho do comentário às cartas entre Freud e Pfister feito por Carlos Domínguez Morano, que realizou um estudo monumental do tema da religião na obra de Freud e que defende a hipótese de que, se o diálogo entre psicanálise e religião “permanece como um diálogo inacabado, é porque, não por acidente, mas por essência, continuará a ser um diálogo interminável” (DOMÍNGUEZ MORANO, 2008, p. 235).

Referências

ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2014.

DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável – Sigmund Freud e Oskar Pfister*. São Paulo: Loyola, 2008.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 2009.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão [1927]. In:_____. *ESB, v. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMEZ, Maria Luísa Trovato. O pastor psicanalista Oskar Pfister: um legado de desconforto. *Psicologia: ciência e profissão*. Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300007>. Acesso em 4 fev. 2016.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 3: última fase (1919-1939)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

PFISTER, Oskar. A ilusão de um futuro: um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud [1928]. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, pp. 17-56.

ROUDINESCO, Elizabeth. Entre medicina, fetiche e religião. In:_____. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, pp. 361-388.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.